

Meronímia e holonímia em textos narrativos e procedurais da língua Apurinã (Aruák)

Marília Fernanda Pereira de Freitas
Universidade Federal do Pará, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-7607-6077>

Izabelly Karoliny Brito Bentes
Universidade Federal do Pará, Brasil
<https://orcid.org/0009-0003-1589-0069>

ABSTRACT: This paper aims investigate the occurrence of meronyms in narrative and procedural texts of the Apurinã language, indigenous language spoken in the southeast of the state of Amazonas - Brazil. Meronymy, according to Cruse (2000), is a semantic phenomenon that expresses the part (meronym)/all (holonym) relation, and there may be different semantic subtypes expressing such a relation (Winston; Chaffin; Hermann 1987). Among such subtypes there are those denoting an event (activity/holonym) and the subevents (features/meronym) associated with it. There was a lack of descriptive linguistic work, especially in the case of indigenous languages, focused on this type of meronymy, involving verbs. This kind of investigation can be useful for future studies about verbs in indigenous languages, in order to identify possible morphosyntactic similarities between verbs designating subevents (meronyms) and their corresponding broader events (holonyms). The texts analyzed were selected from the textual database of the Apurinã language, interlinearized in the Fieldwork Language Explorer (FLEX) program by Facundes and his research team, over three decades of studies. It was concluded that in the texts investigated, there is a greater presence of meronymic activity/feature relations than of any other semantic subtype of meronym. This is because narrative and procedural textual types are intrinsically permeated by events and their unfoldings, either, in the first case, by the narration of events and their associated sub-events, or, in the second case, by the explanation of the sub-events that constitute the realization of a larger event.

KEYWORDS: Meronymy/holonymy; Narrative text; Procedural texts; Apurinã

RESUMO: O presente artigo investiga a ocorrência da relação semântica meronímia/holonímia em textos narrativos e procedurais da língua apurinã, língua indígena falada no sudeste do estado do Amazonas. A meronímia, segundo Cruse (2000), é um fenômeno semântico que expressa a relação parte (merônimo)/todo (holônimo), podendo haver diferentes subtipos semânticos expressando tal relação (Winston; Chaffin; Hermann 1987). Dentre tais subtipos há os que denotam um evento (atividade/holônimo) e os subeventos (traços/merônimos) associados a ele. Verificou-se uma carência de trabalhos linguísticos descritivos, especialmente em se tratando de línguas indígenas, voltados para esse tipo de meronímia, envolvendo verbos. Esse tipo de investigação pode ser útil para estudos futuros ligados a verbos em línguas indígenas, no sentido de identificar, entre verbos designativos de subeventos (merônimos) e eventos mais amplos (holônimos) possíveis semelhanças morfossintáticas. Os textos analisados foram selecionados do banco de dados textuais da língua apurinã, interlinearizados no programa *Fieldwork Language Explorer* (FLEX) por Facundes e equipe de pesquisa, ao longo de três décadas de estudos. Concluiu-se que, nos textos investigados, há uma maior presença de relações meronímicas atividade/traço do que de qualquer outro subtipo semântico de merônimo. Isto ocorre devido aos tipos textuais narrativo e procedural serem intrinsecamente permeados por eventos e seus desdobramentos, seja, no primeiro caso, pela narração de eventos e seus subeventos associados, seja, no segundo caso, pela explicação dos subeventos que constituem a realização de um evento maior.

PALAVRAS-CHAVE: Meronímia/holonímia; Textos narrativos; Textos procedurais; Apurinã

1. Introdução

No presente trabalho, abordaremos a presença de merônimos/holônimos em textos narrativos e procedurais da língua apurinã (Aruák). Segundo Facundes (2000), os Apurinã vivem no sudeste do estado do Amazonas, ao longo de vários afluentes do Rio Purus. É uma língua ameaçada de extinção, pois somente uma fração da comunidade ainda é falante. Não há

dados precisos acerca da quantidade de falantes de apurinã, já que é difícil realizar um levantamento mais sistemático, pois os apurinã vivem geograficamente muito espalhados. Facundes (2000) afirma que apenas 10% da população, àquela época, falava a língua, geralmente os mais idosos. Na língua em questão, a relação semântica meronímia/holonímia codifica-se em nomes e verbos e, quando em nomes, segue padrões de marcação morfológica bastante específicos, conforme trataremos mais adiante.

À luz das ideias de Cruse (2000), a meronímia ou partonímia corresponde a um tipo de relação semântica que se refere a “partes (merônimos)” com relação a seu “todo (holônimo)”. Todavia, tal relação semântica não é simples de ser definida, uma vez que há diferentes subtipos semânticos de merônimos (Winston; Chaffin; Herrmann 1987). Quando se pensa em meronímia/holonímia, logo vêm à mente termos como “braço/corpo”, “cabo/panela”, “fatia/bolo”, todos codificados por nomes, entretanto, no caso daqueles que se referem à relação atividade/traço, como em “dirigir/pisar na embreagem”, estes vêm codificados sob a forma de verbos.

Por meio do levantamento dos merônimos que ocorrem em um número delimitado de textos narrativos e procedurais da língua apurinã, buscaremos analisar quais os subtipos semânticos mais frequentemente encontrados nesses textos, verificando se há motivações para a presença maior de um ou outro desses subtipos de merônimos que possamos correlacionar com as características de textos narrativos e procedurais. Partimos da hipótese de que os merônimos denotando a relação atividade/traço sejam mais frequentes nos textos analisados, uma vez que textos narrativos se definem pela sucessão de eventos e seus subeventos ao longo do tempo da narrativa, enquanto que textos procedurais explicam o “como fazer” de um evento principal, constituído por seus subeventos. No levantamento bibliográfico realizado, verificou-se uma carência de trabalhos linguísticos descritivos em línguas indígenas voltados para esse último tipo de meronímia (atividade/traço). Assim, o levantamento inicial acerca desses merônimos de natureza verbal, apresentado no presente artigo, pode auxiliar futuras pesquisas, envolvendo verbos em línguas indígenas, a fim de verificar, por exemplo, se verbos designativos de subeventos (merônimos) e eventos mais amplos (holônimos) apresentam algumas semelhanças morfossintáticas.

De modo mais amplo, trabalhos como os que aqui apresentamos auxiliam não apenas linguistas interessados em investigar o fenômeno semântico meronímia em uma língua indígena; mais que isso, trabalhos dessa natureza reafirmam a importância de se aprofundar os estudos em línguas indígenas, como reconhecimento da pluralidade cultural e linguística existente. Destarte, sabemos que uma língua traz consigo um caráter político e, em se tratando de línguas indígenas, é necessário um maior comprometimento por parte dos pesquisadores, para que a mantenham viva. Isso é o que buscamos fazer para a comunidade indígena apurinã (Aruák), por meio do estudo dessa língua, que tem servido como insumo para a elaboração de materiais didáticos na língua, a fim de auxiliar no processo de manutenção e revitalização desta.

Além desta introdução, o presente artigo, em seu referencial teórico, apresenta uma breve discussão acerca do fenômeno semântico meronímia/holonímia. Posteriormente, abordaremos a meronímia em línguas indígenas amazônicas e, então, analisaremos o comportamento morfossintático dos merônimos em apurinã. Como parte principal deste artigo, apresentaremos os procedimentos metodológicos que nortearam a seleção e análise dos merônimos encontrados nos textos selecionados, além de discutirmos os resultados da pesquisa.

2. A relação semântica meronímia/holonímia: aproximações com a categoria de posse

Segundo Cruse (2000), meronímia ou partonímia consiste em uma relação de inclusão, que reflete uma “parte” em relação ao seu “todo”. Alguns exemplos de meronímia podem ser

notados em: mão/ dedo, bule/ alça, roda/ raio, carro/ motor e assim sucessivamente. É importante ressaltar que a noção de meronímia se distingue do conceito de hiponímia, uma vez que a noção de hiponímia/hiperonímia diz respeito a uma relação membro/classe, tal como em lápis (membro)/ material escolar (classe), em que o hipônimo “lápis” é um tipo de “material escolar”; já a ideia de meronímia/ holonímia, conforme dito anteriormente, diz respeito a uma relação parte/todo, como em braço/corpo, de modo que o merônimo “braço” é uma parte do holônimo “corpo”.

Ainda de acordo com Cruse (2000: 154-155), a meronímia apresenta cinco traços característicos, quais sejam: a) *necessidade* – partes de um todo podem ser necessárias ou opcionais; b) *integralidade* – um merônimo pode ser descrito como sendo parte integrante de seu todo; c) *discrição* – partes podem ser reconhecidas em sua individualização, com relação a seu todo, ou seja, é possível reconhecer uma parte enquanto um referente específico, relacionado ao seu todo; d) *motivação* – a parte tem uma função identificável em relação ao seu todo, isto é, serve para algum propósito específico com relação a seu todo; e) *congruência* – aborda três características: alcance, fase e tipo. O alcance é um traço ligado ao fato de um merônimo ser menos genérico que seu holônimo, uma vez que corresponde a uma parte com um dado alcance específico, em se tratando do papel que exerce com relação à integralidade de seu todo. A fase corresponde a um traço segundo o qual um merônimo existe concomitantemente com seu todo. Já o tipo corresponde a um traço segundo o qual as partes e seus todos apresentam, prototipicamente, um tipo ontológico, ou seja, partem da mesma natureza comum.

Winston; Chaffin; Herrmann (1987) distinguiram seis grandes tipos de relações meronímicas: a) objeto integral/componente: bicicleta/pedal; b) coleção/membro: frota/navio; c) massa/porção: torta/pedaco; d) material/objeto: aço/carro; e) atividade/traço: comprar/pagar; f) lugar/área: Pará/Belém.

Ao analisar esses seis tipos de merônimos e seus exemplos, concluímos que a meronímia pode ser expressa por diferentes relações parte/todo. Note-se que a ideia de posse também permeia o conceito de meronímia: em vários dos exemplos listados acima, é possível compreender a relação de posse implicada: por exemplo, um “pedal” pertence a uma “bicicleta”, um dado “navio” pode pertencer a uma “frota”, a cidade de “Belém” pertence ao “Pará”, isto é, está em seus domínios. Adicionalmente, é recorrentemente possível converter merônimos e seus holônimos em construções de posse como em “pedal da bicicleta”, “navio da frota”, “pedaco da torta”, “pagamento da compra”, “Belém do Pará”. Assim, percebe-se uma clara aproximação entre a relação meronímia/holonímia e a relação possuído/possuidor, já que nessas duas relações observa-se uma assimetria envolvendo duas entidades, uma, de certa forma, subordinada à outra. Assim, faz-se necessário refletir um pouco acerca da categoria de posse, em sua aproximação com a noção de meronímia.

De acordo com Stassen (2009), a posse envolve dois elementos, um possuidor e um item possuído, de modo que o possuidor pode exercer certo controle sobre o item possuído, podendo manter com ele, em certos casos, um contato permanente. Conforme o autor, há diferentes subtipos semânticos de posse, dentre os quais se inscrevem dois principais: a posse inalienável e a posse alienável, conceitos relevantes para compreender a relação de pertencimento envolvendo o conceito de meronímia.

Sobre a posse alienável, em linhas gerais, refere-se a uma relação de posse não inerente, em que, prototipicamente, o item possuído tem controle sobre o possuidor. No que diz respeito à posse inalienável, corresponde a uma relação de posse mais inerente, inseparável ou indissolúvel, recorrentemente presente em relações parte/todo, relações de parentesco e, menos recorrentemente, em relações sociais (nome, líder, amigo), objetos da cultura material (arco, animal de estimação, canoa, roupa) ou codificando os agentes ou pacientes de uma ação. Na língua apurinã, há padrões de marcação morfológica bem específicos que codificam nomes

alienáveis e inalienáveis, o que será discutido mais adiante. Antes disso, discutiremos como a meronímia se codifica em algumas línguas amazônicas, o que apresentaremos na próxima seção.

3. Meronímia em línguas indígenas amazônicas

Klein (2000) atestou diversas maneiras de expressar a relação parte/todo em línguas indígenas amazônicas. Nesse sentido, a autora utiliza dezoito línguas em seu levantamento, pertencentes a onze famílias linguísticas, todas geograficamente distribuídas entre Argentina, Chile, Paraguai, Brasil, Colômbia, Venezuela e Peru, especialmente as línguas do Chaco. Segundo a autora, o mecanismo mais utilizado na codificação de merônimos é por meio de construções possessivas. Desta maneira, Klein (2000) exemplificou como a relação parte/todo é expressa nessas dezoito línguas faladas na América do Sul. A autora apresenta mecanismos específicos para codificar os merônimos, tais como a utilização de classificadores, verbos, expressão “parte de”, polissemia e codificação de posse. No presente artigo, focalizaremos os mecanismos de codificação de merônimos listados pela autora que têm relação com a categoria de posse, tendo em vista tal conhecimento ser o mais relevante, em se tratando da codificação da meronímia em apurinã, foco deste estudo.

Klein (2000) afirma que certos nomes compostos têm a mesma ordem possuidor/possuído. Ressalta, ainda, que certas línguas da América do Sul codificam a relação todo/parte como uma relação possuidor e possuído, de tal maneira que o possuidor é traduzido como o ‘todo’, enquanto o possuído é traduzido como ‘parte’. Outro ponto importante discutido por Klein (2000) é a questão da alienabilidade e inalienabilidade. Segundo Wierzbicka (1996: 61) “These concepts are linked to the part-whole issue because inalienable possession is often based on ‘a part of a person’s body’, whereas alienable possession is a combination of both the notion of part plus a non-inherent part-whole relationship”.¹ Segundo Klein (2000), em certas línguas há uma distinção gramatical entre posse alienável e inalienável, o que ocorre nas línguas Aruák como um todo, mas aqui focalizaremos a língua Apurinã. Na próxima seção, abordaremos as características morfossintáticas dos merônimos em Apurinã.

4. Características morfossintáticas de merônimos em apurinã

Os merônimos, em apurinã, vêm codificados como nomes ou como verbos, em se tratando de verbos que comportam subeventos. Aqui, destacaremos as principais características ligadas à classe dos nomes nessa língua; quanto aos verbos, por se tratar da classe de palavras mais complexa morfossintaticamente em apurinã, não será possível detalhar sua natureza, portanto, remetemos o leitor à sua descrição mais aprofundada em Facundes (2000).

De maneira bastante panorâmica, conforme Facundes (2000), verbos em apurinã podem se ligar a prefixos ou sufixos, mas a morfologia verbal é predominantemente sufixal. Há em apurinã formas pronominais presas que se ligam a verbos, as quais estão divididas em duas categorias: marcas pronominais de sujeito,² que vêm antepostas à base verbal; e marcas pronominais de objeto, que vêm pospostas à base verbal. Essas marcas podem ocorrer como elementos correferenciais ao sujeito gramatical e/ou ao objeto gramatical da sentença. Noções adjetivais são codificadas na língua por meio de verbos descritivos, não havendo em Apurinã

¹“Estes conceitos estão ligados à questão parte/todo, pois a posse inalienável é frequentemente baseada na ‘parte do corpo de uma pessoa’, enquanto a posse alienável é a combinação de ambas noções de ‘parte’ e mais uma não inerente relação parte/todo.”

² A série de pronomes proclíticos em Apurinã pode se ligar a nomes ou verbos. Quando ligadas ao verbo, codificam o sujeito; quando ligadas ao nome, codificam o possuidor.

adjetivos, enquanto classe de palavras. A língua apresenta um *split-S* nos verbos intransitivos, que podem ser ativos ou descritivos, sendo que alguns desses últimos recebem marcas pronominais correferenciais de sujeito e outros marcas pronominais correferenciais de objeto, que codificam o argumento único requerido pelo verbo. Assim, verbos intransitivos descritivos que recebem marcas pronominais correferenciais de objeto operam em um sistema ergativo/absolutivo, enquanto que os descritivos que recebem marcas pronominais correferenciais de sujeito operam em um sistema nominativo/acusativo. Feitas essas breves considerações acerca da categoria dos verbos em apurinã, passamos à descrição da classe dos nomes.

Segundo Facundes (2000), os nomes em apurinã agregam marcas de plural, gênero, posse e não posse. Dessa maneira, os nomes podem ser codificados com o sufixo³ *-ry* para o gênero masculino, por exemplo: *pupÿka-ry* ‘indígena apurinã do gênero masculino’ e *-ru* para o gênero feminino, por exemplo: *pupÿka-ru* ‘indígena apurinã do gênero feminino’. A marcação de número em apurinã se dá pela utilização dos sufixos *-waku*, para nomes com traço [+ humano], ou *-ny*, que pode ser utilizado com nomes animados ou inanimados, por exemplo, *aiku-ny-ry* (casa-PL-M ‘casas’).

Freitas (2017), reformulando as propostas anteriores para a classificação dos nomes em Apurinã, classifica os nomes simples da língua em três classes: inalienáveis, alienáveis e nomes não possuíveis.

Em artigo mais recente, Freitas e Facundes (2021:288) afirmam que “Os nomes inalienáveis são obrigatoriamente possuídos⁴ (a posse obrigatória faz parte da entrada lexical deles), não marcados em construções de posse (não recebem sufixo marcador de posse) e ocorrem mais frequentemente possuídos do que não possuídos em textos”. Para os autores, há dois tipos de nomes inalienáveis: i) aqueles em que a posse obrigatória pode ser “suspensa”, com a adição do sufixo *-txy* (que indica o *status* de não posse), incluindo partes do corpo, conceitos relacionados ao corpo, além de conceitos abstratos; e ii) nomes que não ocorrem com o sufixo *-txy*, referindo-se aos termos de parentesco, conforme exemplos⁵ a seguir, de Freitas e Facundes (2021: 288).

- | | | | |
|--------|---|----|--|
| (1) a. | ny-tapike
1SG-perna.de ⁶
‘minha perna’ | b. | tapike-txi
perna.de-N.POSSD
perna (não se sabe de quem)’ |
| (2) a. | n-yry
1SG-pai.de
‘meu pai’ | b. | *yry-txi
pai.de-N.POSSD
(pai, não se sabe de quem) |

Nos exemplos mostrados, (1) corresponde a um merônimo relacionado a partes do corpo, e podem ocorrer sem a presença de um possuidor, pelo acréscimo do sufixo *-txy*, enquanto que (2) apresenta um merônimo membro/classe, uma vez que ilustra um termo de parentesco, o qual não pode ser utilizado com *-txi*.

³Chave para a ortografia apurinã: y = [i]; ts = [ts]; th = [c]; tx = [tʃ], as demais letras seguem o mesmo padrão do português.

⁴Exceto em casos de vocativo, em que a língua conta com algumas poucas formas supletivas, sendo o falante interpretado como o possuidor.

⁵Abreviaturas: 1 = 1ª pessoa; 2 = 2ª pessoa; 3 = 3ª pessoa; SG = singular; PL = plural; F = feminino; M = masculino; POSSD = possuído; N.POSSD = não possuído; NC = nome classificatório, TEMP = temporal; VBLZ = verbalizador; OBJ = objeto; ALEAT = aleatório; INTR = intransitivizador; GER = gerúndio; AUX = auxiliar; INTENS = intensificador.

⁶Nomes inalienáveis são glosados desta forma, com “de”, por terem a posse como parte constitutiva de suas entradas lexicais, ou seja, são obrigatoriamente possuídos.

No que diz respeito aos nomes alienáveis, conforme Freitas e Facundes (2021: 289) “[...] são aqueles cuja posse é opcional, sendo marcados por um conjunto de sufixos,⁷ *-re₁*, *-te*, *-ne*, *-re₂*, e ocorrem mais frequentemente não possuídos do que possuídos”. É importante ressaltar que a escolha entre os sufixos *-re₁*, *-te*, *-ne* e *-re₂* é condicionada lexicalmente. Observe-se o exemplo de uso de um desses sufixos de posse alienável:

- | | | | |
|--------|---------|----|-----------------|
| (3) a. | ãatsupa | b. | n-ãatsupa-ne |
| | folha | | 1SG-folha-POSSD |
| | ‘folha’ | | ‘minha folha’ |

No exemplo (3b) observamos um merônimo (parte de planta) marcado na forma possuída por *-ne*.

Na língua apurinã há também merônimos codificados por verbos, indicando a relação atividade/traço, como em *iutyta* ‘seguir pegadas’, merônimo do holônimo *aiata* ‘caçar’. É importante ressaltar que a relação semântica de meronímia/holonímia expressa no par acima é assim classificada por questões contextuais, a partir de sua ocorrência nos textos que serviram como *corpus* da presente pesquisa; é possível, em outros contextos, que *iutyta* ‘seguir pegadas’ possa vir associado a outros eventos em que tal ação seja realizada (por exemplo, procurar alguém), e não apenas a “caçar”.

Isto posto, é importante ressaltar que a maioria dos merônimos em apurinã estão inseridos e codificados na classe dos nomes inalienáveis, mas há também diversos merônimos codificados como nomes alienáveis e como verbos, neste último caso, sempre designando a relação atividade/traço. Vale ressaltar que a codificação dos merônimos em apurinã se assemelha à das línguas pesquisadas por Klein (2000), em seu estudo tipológico-comparativo sobre a meronímia nas línguas indígenas da América do Sul, em línguas como Resígaro (Aruák), Toba (Guaykuru), Eyiguayegi-Mbaya (Guaykuru), entre outras, em que se observa a codificação da meronímia, bastante ligada à noção de posse. Desta feita, podemos ressaltar que a meronímia em apurinã apresenta uma grande complexidade semântica, lexical e morfossintática.

3. Metodologia

No que diz respeito à metodologia adotada, além da pesquisa bibliográfica realizada, foram selecionados quatro textos na língua apurinã, dois narrativos e dois procedurais, os quais foram obtidos a partir do banco de dados textuais e lexicais da língua, organizado por Facundes e equipe de pesquisa, ao longo de quase 30 anos. Os referidos textos foram transcritos e interlinearizados no programa *Fieldwork Language Explorer* (FLE_x). Optou-se por selecionar textos representativos desses dois tipos textuais pelo fato de serem estes os que se encontram em maior número no banco de dados textuais da língua apurinã. Assim, os textos narrativos escolhidos foram: *Awãai*, que narra as aventuras de um personagem em sua canoa “mágica”; e *Kema Sytukata*, que narra a relação entre uma moça e uma anta macho personificada. Já os textos procedurais selecionados foram *Katarukyry*, que explica os procedimentos necessários para fazer farinha; e *Awiri*, sobre a confecção do rapé indígena.

A partir desses textos, foram selecionados merônimos de diversos subtipos semânticos. Tais merônimos foram classificados não só semanticamente, mas também

⁷Os números subscritos em *-re₁* e *-re₂* indicam que, embora sincronicamente tais sufixos apresentem a mesma forma, diacronicamente têm origens diferentes, conforme reconstrução feita por Payne (1991). Adicionalmente, nomes marcados por *-re₂* formam um subconjunto de alienáveis marcados não só na forma possuída, mas também na forma não possuída pelo sufixo *-ry*.

morfossintaticamente, com o objetivo de verificar se havia algum traço caracterizador dessa classe semântica em apurinã.

5. Resultados

Para esta seção, utilizaremos a classificação de merônimos proposta por Winston; Chaffin; Herrmann (1987), além da sistematização de dados proposta por Freitas e Ribeiro (2021), com os merônimos encontrados nos textos narrativos e procedurais da língua apurinã selecionados para análise. Abaixo, apresentamos exemplos de merônimos em apurinã de cada um dos subtipos semânticos propostos por Winston; Chaffin; Herrmann (1987):

- i) Relação objeto integral/ componente:
aiku ‘casa, maloca’ - *typykiiana* ‘porta’ ‘entrada’.
- ii) Relação coleção/membro:
anyrymanywakury ‘nossos parentes’ - *ãakyru* ‘nossa avó’.
- iii) Relação massa/porção:
kumyry ‘mandioca’ - *nakanhĩtxi* ‘goma de mandioca’.
- iv) Relação material/objeto:
yxuryry ‘arumã, tipo de tala’ - *manupi* ‘tipiti’.
- v) Relação atividade/traço:
katarukyry kamihni ‘fazer farinha’ - *mapuruka* ‘arrancar (a mandioca)’
- vi) Relação lugar/área:
pawapuku ‘aldeia, povoado, lugar deles’ - *wenyty* ‘rio grande’.

Após essa ilustração dos exemplos de tipos de merônimos em apurinã, passaremos, nos quadros a seguir, à apresentação de todos os merônimos encontrados nos quatro textos analisados, começando por aqueles presentes nos textos narrativos.

Quadro 1. Merônimos encontrados no texto narrativo: *Kema situkata (a anta e a moça)*

Merônimos	Holônimos	Classificação morfossintática	Classificação subtipo semântico
-ynyru ‘mãe’	-nyrymany ‘parentes’	nome inalienável	coleção/membro
-tanyrutinhiru ‘esposa’	-nyrymany ‘parentes’	nome inalienável	coleção/membro
-ỹtanyry ‘esposo’	-nyrymany ‘parentes’	nome inalienável	coleção/membro
-yry ‘pai’	-nyrymany ‘parentes’	nome inalienável	coleção/membro
-yrytary ‘tio paterno’	-nyrymany ‘parentes’	nome inalienável	coleção/membro
-ynyrutanyru ‘tia materna’	-nyrymany ‘parentes’	nome inalienável	coleção/membro
-ũtarywakury ‘primos’	-nyrymany ‘parentes’	nome inalienável	coleção/membro

hãkery ‘filho’	-nyrymany ‘parentes’	nome inalienável	coleção/membro
hããmyna ‘árvore’	‘ithupa ‘mata, floresta’	nome alienável	coleção/membro
-pitxi ‘pênis’	kema ‘anta’	nome inalienável	objeto integral/ componente
-tsamakyta ‘quadril’	kema ‘anta’	nome inalienável	objeto integral/ componente
sa ‘ir’	apa ‘buscar’	verbo	atividade/traço
aũkyta ‘olhar’ ‘procurar’	etyka ‘ver’	verbo	atividade/traço
apuka ‘chegar’	aiata ‘caçar’	verbo	atividade/traço
ina ‘vir’	aiata ‘caçar’	verbo	atividade/traço
nyta ‘caçar’ ‘procurar’ ‘buscar’	aiata ‘caçar’	verbo	atividade/traço
iutyta ‘seguir pegadas’	aiata ‘caçar’	verbo	atividade/traço
asike ‘seguir’	aiata ‘caçar’	verbo	atividade/traço
myna ‘trazer’	aiata ‘caçar’	verbo	atividade/traço
kimatãã ‘flechar’	aiata ‘caçar’	verbo	atividade/traço
ypyryryta ‘cacetar’	aiata ‘caçar’	verbo	atividade/traço
umimata ‘correr atrás, perseguir’	aiata ‘caçar’	verbo	atividade/traço
uka ‘matar’	aiata ‘caçar’	verbo	atividade/traço
mããiaka ‘pegar’	aiata ‘caçar’	verbo	atividade/traço
anhika ‘levar embora’	aiata ‘caçar’	verbo	atividade/traço
ymaru ‘conhecer’ ‘saber’ ‘acreditar’	imata ‘copular’	verbo	atividade/traço
akirita ‘chamar’ ‘convidar’	imata ‘copular’	verbo	atividade/traço
txa ‘dizer’ ‘falar’	imata ‘copular’	verbo	atividade/traço
seriika ‘estar deitada’	imata ‘copular’	verbo	atividade/traço
mixi ‘engravidar’	imata ‘copular’	verbo	atividade/traço
metiika ‘curvar-se’	iatuy ‘varrer’	verbo	atividade/traço

Fonte: elaboração própria, com base em Freitas e Ribeiro (2021)

Sobre a sistematização dos dados do quadro acima, elaborado em trabalho anterior, é importante destacar que os pares de merônimos/holônimos selecionados levam em consideração o contexto em que ocorrem textualmente. Em outras palavras, a relação semântica de meronímia/holonímia que aqui consideramos está intimamente relacionada a questões textuais, a partir das pistas linguísticas encontradas nos textos analisados. Nesse sentido, certos pares de palavras contidos no quadro, como *txa* ‘dizer, falar’/ *imata* ‘copular’, cuja relação de meronímia/holonímia não é “instintiva”, assim foram considerados por conta da construção de sentidos que se faz a partir do contexto em que ocorrem textualmente. Nessa perspectiva, pode-se dizer que o fenômeno da meronímia, tal como aqui o consideramos, torna-se dependente de questões que extrapolam o aspecto estritamente lexical, já que a referida relação semântica também pode depender de questões textuais. Isso implica considerar que um mesmo verbo, como *txa* ‘dizer’, por exemplo, pode ocorrer como merônimo de um outro verbo diferente de *imata* ‘copular’, a depender do contexto em que seja empregado. O mesmo raciocínio foi seguido para a elaboração de todos os outros quadros apresentados neste artigo.

Retomando o Quadro 1, que sistematiza os dados encontrados no primeiro texto narrativo analisado, foram encontrados 31 merônimos, como apresentado na primeira coluna do referido quadro; na segunda coluna, encontram-se os holônimos relativos aos merônimos encontrados no texto. Desses 31 merônimos, 9 correspondem àqueles que designam um membro de uma coleção, enquanto que 2 se referem a um componente que faz parte de um objeto integral. Os outros 20 merônimos correspondem àqueles do tipo atividade/traço, ou seja, subeventos associados a um evento maior.

No Quadro 2, abaixo, são apresentados os merônimos encontrados no texto *Awāai*.

Quadro 2. Merônimos encontrados no texto narrativo: *Awāai* (pajé que atravessou o mar)

Merônimos	Holônimos	Classificação morfosintática	Classificação subtipo semântico
kiiumanhi ‘anceião’ ‘avôs’	nerymane ‘parente’	nome inalienável	membro/coleção
-īkeru ‘cunhada’	nerymane ‘parente’	nome inalienável	membro/coleção
-imakyru ‘sogra’	nerymane ‘parente’	nome inalienável	membro/coleção
-imatykyry ‘sogro’	nerymane ‘parente’	nome inalienável	membro/coleção
-mynapare ‘cunhado’	nerymane ‘parente’	nome inalienável	membro/coleção
-ýtanyru ‘esposa’	nerymane ‘parente’	nome inalienável	membro/coleção
kuriwā ‘árvore’ ‘jauari’	ĩthupa ‘mata, floresta’	nome alienável	membro/coleção
-awapuku ‘aldeia, povoado, lugar de vocês’	terra indígena	nome inalienável	lugar/área
awiri ‘rapé (pó para inalar)’	awiri ‘tabaco’	nome alienável	objeto/material
kitxityã ‘vinho de patuá’	kitxity ‘patuá’ (fruta)	nome alienável	objeto/material
txiparykanakeraku ‘cacho comprido de banana’	txiparimyna ‘bananeira’	nome alienável	componente/objeto integral
weny namata ‘boca do rio’	weny ‘rio’	nome inalienável	componente/objeto integral
-kana ‘cacho’	kitxitymyna ‘árvore de patuá’	nome inalienável	componente/objeto integral
-tāta ‘casca’	tsaiuki ‘ata’	nome inalienável	componente/objeto integral
typykiiana ‘porta’ ‘entrada’	aiku ‘casa’, ‘maloca’	nome alienável	componente/objeto integral
pusutaka ‘terminar’	kanawa kamakata ‘fazer canoa’	verbo	traço/atividade
puwāta ‘embriagar- se’ (de rapé)	awiri iketa ‘inalar rapé’	verbo	traço/atividade

sa ‘ir’ ‘vir’	xiri ‘baixar rio’	verbo	traço/atividade
katyma ‘ser rápido’	xiri ‘baixar rio’	verbo	traço/atividade
napa ‘passar’	xiri ‘baixar rio’	verbo	traço/atividade
patapy ‘passar por baixo’	xiri ‘baixar rio’	verbo	traço/atividade
pukỹākata ‘beirar’	xiri ‘baixar rio’	verbo	traço/atividade
pyryta ‘atravessar’	xiri ‘baixar rio’	verbo	traço/atividade
sāpaka ‘estar cansado, cansar’	xiri ‘baixar rio’	verbo	traço/atividade
ĩthakuka ‘estar longe’	xiri ‘baixar rio’	verbo	traço/atividade
tāukyta ‘avistar, olhar mesmo’	xiri ‘baixar rio’	verbo	traço/atividade
ymapuikata ‘encostar’ (a canoa na beira do rio)	xiri ‘baixar rio’	verbo	traço/atividade
kanhikawa ‘subir’ (na canoa)	xiri ‘baixar rio’	verbo	traço/atividade
apu ‘chegar’	xiri ‘baixar rio’	verbo	traço/atividade
mutyka ‘chegar’	xiri ‘baixar rio’	verbo	traço/atividade
pusuta ‘terminar’	xiri ‘baixar rio’	verbo	traço/atividade
maiākata ‘pegar’	txipary txima ‘comer banana’	verbo	traço/atividade
kanapyry ‘girar’ (a banana para tirar do cacho)	txipary txima ‘comer banana’	verbo	traço/atividade
uka ‘jogar’ (a casca da ata)	tsaiuky txima ‘comer ata’	verbo	traço/atividade
akirita ‘chamar, convidar’	kyynyry kama ‘fazer festa’	verbo	traço/atividade
ama ‘juntar’ ⁸	kyynyry kama ‘fazer festa’	verbo	traço/atividade
serena ‘dançar’	kyynyry kama ‘fazer festa’	verbo	traço/atividade

⁸O verbo “juntar”, na narrativa *Awāai*, no contexto a que nos referimos, diz respeito a juntar a folha da coca, que é usada com uma mistura de cinza de casca de árvore e açúcar. Essa mistura é mascada ao longo da noite, para que os Apurinã se mantenham acordados até a manhã seguinte da festa.

kuseka ‘puxar’ (o patuá)	kitxityã kama ‘fazer vinho de patuá’	verbo	traço/atividade
tsutaka ‘cortar’ (o cacho de patuá)	kitxityã kama ‘fazer vinho de patuá’	verbo	traço/atividade
xãpuka ‘encher’ (o paneiro de patuá)	kitxityã kama ‘fazer vinho de patuá’	verbo	traço/atividade
myna ‘trazer’ (o patuá)	kitxityã kama ‘fazer vinho de patuá’	verbo	traço/atividade
kamaãkata ‘fazer o vinho’ (do patuá)	kitxityã kama ‘fazer vinho de patuá’	verbo	traço/atividade

Fonte: elaboração própria, com base em Freitas e Ribeiro (2021)

Um aspecto importante a ser ressaltado é que o foco do presente artigo incide sobre a semântica dos verbos selecionados para análise, por isso não foram feitas as devidas segmentações, em que seria possível identificar cada morfema que constituem os verbos em questão. De qualquer forma, compreende-se que este é um aspecto extremamente relevante para a compreensão das relações meronímicas atividade/traço, uma vez que permitiria uma visualização mais clara dos correlatos morfossintáticos que podem vir a aproximar a identificação dos pares de merônimos/holônimos. Em trabalhos futuros, buscaremos investir nesse tipo de investigação.

Retomando o Quadro 2, no segundo texto narrativo analisado, intitulado *Awãai*, foram encontrados 42 merônimos, sendo que 7 destes se referem a membros de uma coleção, 1 expressa a relação lugar/área, 2 correspondem à relação material/objeto, 5 dizem respeito à relação objeto integral/componente e 27 correspondem aos merônimos atividade/traço, que se referem a subeventos de um evento maior.

No Quadro 3, a seguir, apresentam-se os merônimos encontrados no primeiro texto procedural analisado.

Quadro 3. Merônimos encontrados no texto: *Ikaratukura itxa awiri atha kaminhi* ‘É assim que nós fazemos rapé’

Merônimos	Holônimos	Classificação morfossintática	Classificação subtipo semântico
⁹ ãake ‘galho dele’	awiri ‘tabaco (a planta)’	nome inalienável	componente/ objeto integral
ytanapy ‘caule dele’	awiri ‘tabaco (a planta)’	nome inalienável	componente/ objeto integral
ymata ‘pele dele’	awiri ‘tabaco (a planta)’	nome inalienável	componente/ objeto integral
ãapytsa ‘cipó dele’	petsukamyty ‘tipo de planta que tem cipó’	nome inalienável	componente/ objeto integral
ukutãta ‘casca de uku (tipo de árvore)’	uku ‘uku (tipo de árvore)’	nome inalienável	componente/ objeto integral
makĩ ‘ourico da castanha’	makymyna ‘castanheira’	nome alienável	componente/ objeto integral
awiri ‘rapé (pó para inalar)’	awiri ‘tabaco (a planta)’	nome alienável	objeto/material
pytety ‘caco de barro’	kypatxi ‘barro, areia’	nome alienável	objeto/material
makatxaka ‘tirar’	awiri kaminhi ‘fazer rapé’	verbo	traço/atividade
txari ‘secar’	awiri kaminhi ‘fazer rapé’	verbo	traço/atividade
taka ‘colocar’	awiri kaminhi ‘fazer rapé’	verbo	traço/atividade
txirãketa ‘partir galho ao meio’	awiri kaminhi ‘fazer rapé’	verbo	traço/atividade
synãkaka ‘secar bem’	awiri kaminhi ‘fazer rapé’	verbo	traço/atividade
kemita ‘queimar’	awiri kaminhi ‘fazer rapé’	verbo	traço/atividade
kamuruka ‘amassar, esmigalhar’	awiri kaminhi ‘fazer rapé’	verbo	traço/atividade

Fonte: Freitas e Ribeiro (2021)

No primeiro texto procedural analisado, foram encontrados 15 merônimos. Desses 15, 6 expressam a relação objeto integral/componente, 2 se referem à relação material/objeto e 9 denotam a relação atividade/traço.

A seguir, apresentaremos, no Quadro 4, os merônimos encontrados no último texto analisado, denominado *Katarukyry*, sendo este o segundo texto procedural selecionado para esta pesquisa.

⁹Em apurinã, a 3ª pessoa do singular masculino tem como um de seus alomorfes o morfema Ø-, em que /y-/ passa a /Ø-/ quando diante de vogal.

Quadro 4. Merônimos encontrados no texto *Katarukyry* ‘Farinha’

Merônimos	Holônimos	Classificação morfofossintática	Classificação subtipo semântico
kumyrype ‘massa de mandioca’	kumyry ‘mandioca’	nome alienável	porção/massa
kumyry iiã ‘sumo da mandioca’	kumyry ‘mandioca’	nome inalienável	porção/massa
nakanhîtxi ‘goma de mandioca’	kumyry ‘mandioca’	nome inalienável	porção/massa
ananapê ‘vinho de abacaxi’	anana ‘abacaxi’	nome alienável	objeto/material
ieierupê ‘vinho de ieieru (tipo de tubérculo)’	anana ‘abacaxi’	nome alienável	objeto/material
mutupê ‘vinho de cará (tipo de tubérculo)’	mutu ‘cará (tipo de tubérculo)’	nome alienável	objeto/material
kumiiãryã ¹⁰ ‘mingau de macaxeira’	kumiiãry ~ iumiãry ‘macaxeira’	nome alienável	objeto/material
txiparyã ‘mingau de banana’	txipary ‘banana’	nome alienável	objeto/material
kyparyã ‘mingau de batata doce’	kypary ‘batata doce’	nome alienável	objeto/material
aryãryãte ‘mingau’	iumiãry ‘macaxeira’	nome alienável	objeto/material
putxuwamata ‘beiju achatado’	kumyry ‘mandioca’	nome inalienável	objeto/material
kumyrypuruĩ ‘beiju redondo’	kumyry ‘mandioca’	nome alienável	objeto/material
katarukyry ‘farinha’	kumyry ‘mandioca’	nome alienável	objeto/material
manupi ‘tipiti’	yxuryny ‘arumã, tipo de tala’	nome alienável	objeto/material
kutary ‘cesta, paneiro’	yxuryny ‘arumã, tipo de tala’	nome alienável	objeto/material
takatary ‘alguidar, pote de barro’	kypatxi ‘barro, areia’	nome alienável	objeto/material
ãakyru ‘nossa avó’	anyrymanywakury ‘nossos parentes’	nome inalienável	coleção/membro
tukary ‘derrubar (o roçado)’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
ũãpataĩkata ‘brocar bem, capinar (o solo)’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
iutikaxitikata ‘queimar bem o solo’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
taka ‘plantar’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade

¹⁰Em algumas comunidades, usa-se a forma *iumiãry*, como variação de *kumiãry* ‘macaxeira’.

pitxeka ‘nascer, grelar (a mandioca)’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
eneĩkata ‘amadurecer (a mandioca)’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
mapuruka ‘arrancar (a mandioca)’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
ymãatakaĩta ‘colocar na água’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
makatxaka ‘tirar’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
aminhãkapeta ‘carregar a massa’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
katsunaka ‘espremer’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
ysunãkapetaka ‘secar a massa’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
ukapeta ‘jogar a massa’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
Puumatapeka ‘esquentar’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
ukapeta ‘jogar a massa’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
kakirĩkakypeta ‘torrar a massa’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
iataruãkata ‘mexer’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
taãkata ‘guardar’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
tykanaka ‘carregar’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
esukakata ‘ralar’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
kixẽĩkata ‘raspar’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
erukaĩkata ‘lavar’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
mapikapekata ‘tirar a massa’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade
paiaka ‘amolecer’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	verbo	traço/atividade

Fonte: Freitas e Ribeiro (2021)

No total, foram encontrados 41 merônimos no texto Katarukyry, sendo que 3 deles denotam a relação massa/porção, 13 se referem à relação material/objeto, 1 diz respeito à relação coleção/membro e 24 à relação atividade/traço.

Após apresentarmos as quantificações relativas aos merônimos encontrados nos quatro textos analisados, apresentaremos, na próxima seção, uma discussão relativa à maneira como os dados acima elencados podem ser interpretados.

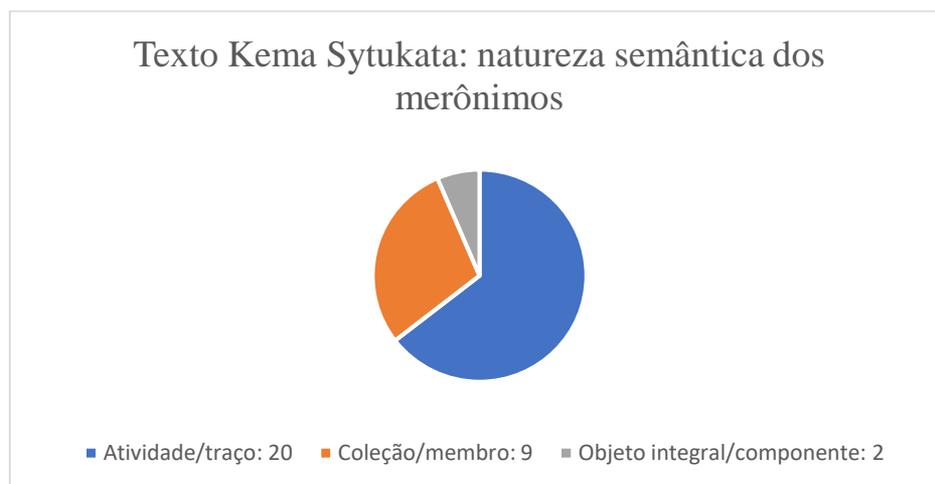
5. Discussão

Ao analisarmos os quatro textos, 2 narrativos e 2 procedurais, selecionados do banco de dados digital da língua apurinã, interlinearizados no programa *Fieldwork Language Explorer* (FLEx), percebemos uma grande ocorrência de merônimos do subtipo atividade/traço, tanto nos textos narrativos, quanto nos procedurais. Abaixo, mostraremos a análise feita em cada texto.

No que diz respeito ao texto narrativo do Quadro 1, *Kema sytukata* ('A anta e a moça'), foram encontrados trinta e um merônimos, 20 deles expressando a relação atividade/traço, além de 9 se referindo à relação coleção/membro e 2 à relação componente/objeto integral. Em relação à categoria morfossintática dos merônimos de natureza nominal, foram encontrados dez nomes inalienáveis e um alienável. Todos os vinte merônimos expressando a relação atividade/traço são de natureza verbal. Nesse texto, portanto, no que se refere ao parâmetro subtipo semântico de relação meronímica, há uma predominância de merônimos denotando a relação atividade/traço. Já em se tratando do parâmetro natureza morfossintática, há predominância de verbos, mas, dentre os merônimos de natureza nominal, predominam aqueles classificados como inalienáveis.

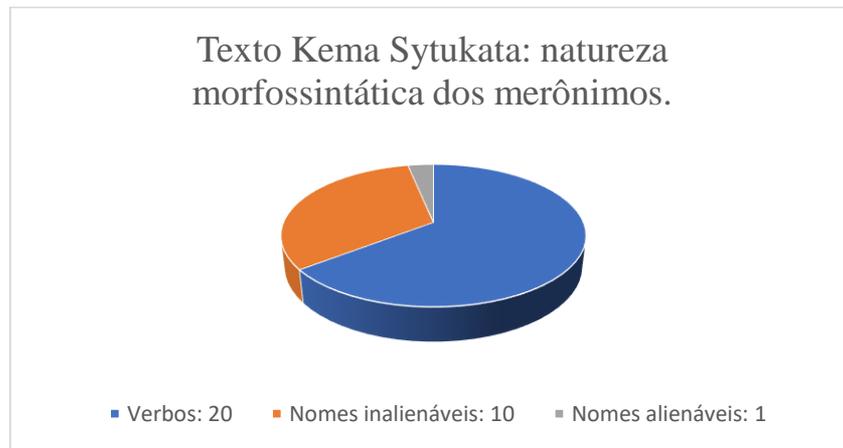
No Gráfico 1, abaixo, ilustramos a proporção de merônimos encontrados no texto narrativo *Kema Sytukata* por sua natureza semântica.

Gráfico 1. Natureza semântica dos merônimos do texto *Kema Sytukata*



Fonte: Elaboração própria

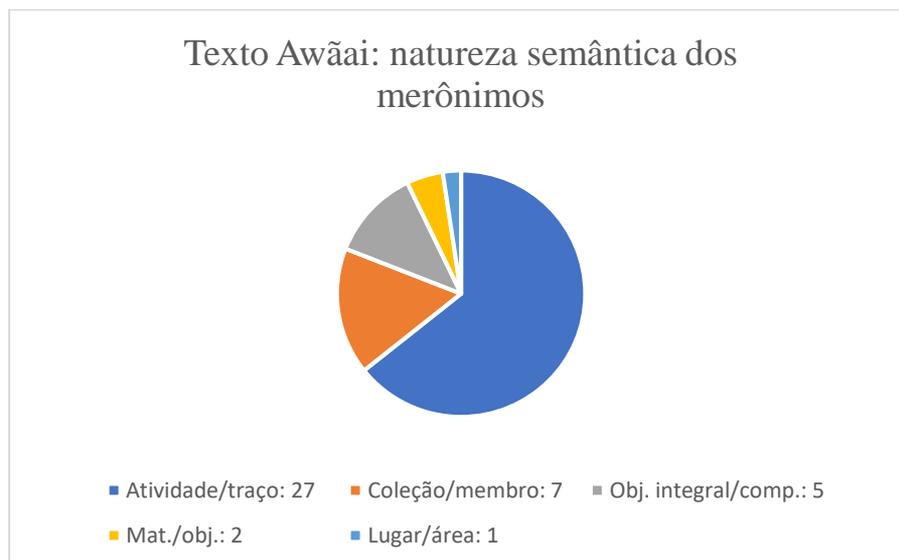
No Gráfico 2, apresentamos a proporção de merônimos encontrados no texto narrativo *Kema Sytukata* por sua natureza morfossintática.

Gráfico 2. Natureza morfossintática dos merônimos do texto *Kema Sytukata*

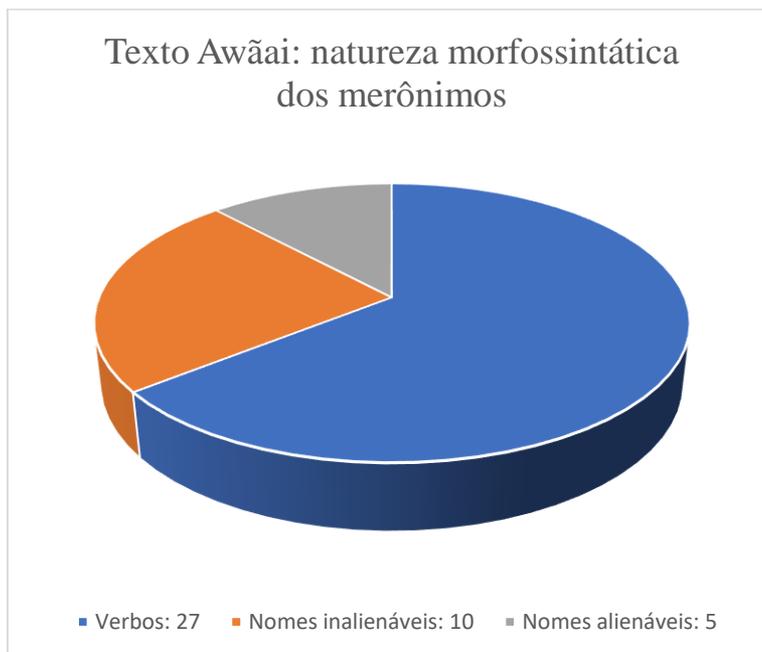
Fonte: Elaboração própria

No texto narrativo do Quadro 2, intitulado *Awãai*, o mais longo dos textos analisados, novamente, houve a predominância de merônimos denotando a relação atividade/traço, com 27 ocorrências. Adicionalmente, foram encontrados 7 merônimos expressando a relação coleção/membro, 5 denotando a relação objeto integral/componente, 2 se referindo à relação material/objeto e um à relação lugar/área, este último subtipo semântico sendo o mais raramente encontrado nos textos analisados. Do ponto de vista de suas naturezas morfossintáticas, 27 foram os merônimos de natureza verbal, denotando a relação atividade/traço, o que já era esperado. Entre os merônimos de natureza nominal encontrados no texto, 10 são expressos por nomes inalienáveis, enquanto que 5 se referem a nomes alienáveis.

Nos Gráficos 3 e 4, a seguir, apresentam-se os merônimos do texto *Awãai* por sua natureza semântica e por sua natureza morfossintática, respectivamente.

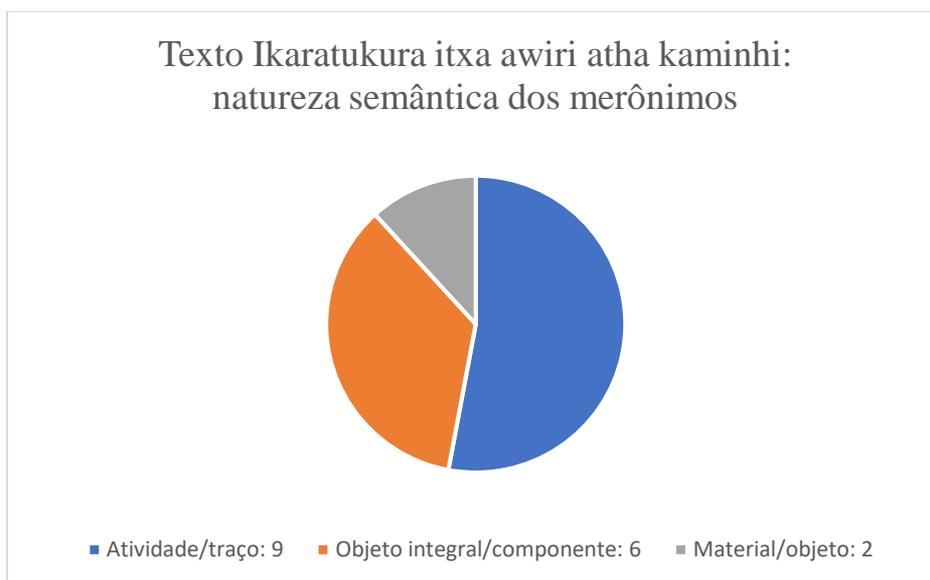
Gráfico 3: Natureza semântica dos merônimos do texto *Awãai*

Fonte: Elaboração própria

Gráfico 4. Natureza morfossintática dos merônimos do texto *Awãai*

Fonte: Elaboração própria

Em se tratando do texto procedural do Quadro 3, intitulado *Ikaratukura itxa awiri atha kaminhi* ‘É assim que nós fazemos rapé’, reportaremos aqui a análise apresentada por Freitas e Ribeiro (2021), análise esta que se voltava apenas para textos procedurais, que aqui ampliamos, ao incluirmos textos narrativos. No referido texto, foram encontrados 15 merônimos, a maioria deles denotando a relação atividade/traço, com 9 ocorrências, além de 6 se referindo à relação objeto integral/componente e 2 se referindo à relação material/objeto. Quanto à natureza morfossintática, 9 correspondem a verbos, 5 a nomes inalienáveis e 3 a nomes alienáveis, o que se pode ver de modo mais ilustrativo nos Gráficos 5 e 6, a seguir.

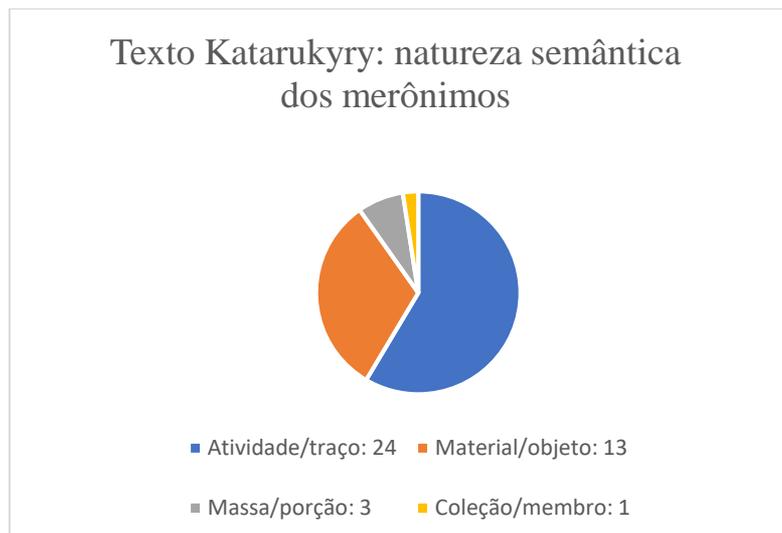
Gráfico 5. Natureza semântica dos merônimos do texto *Ikaratukura itxa awiri atha kaminhi*

Fonte: Elaboração própria

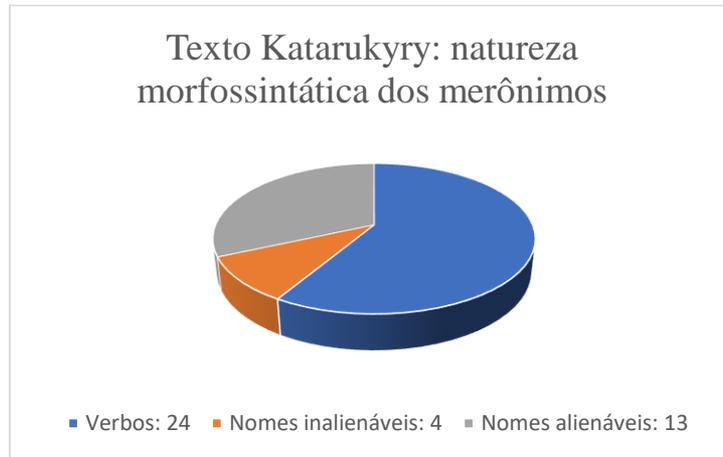
Gráfico 6. Natureza morfossintática dos merônimos do texto *Ikaratukura itxa awiri atha kaminhi*

Fonte: Elaboração própria

O segundo texto procedural analisado, em que aqui também reportamos a análise de Freitas e Ribeiro (2021), de título *Katarukyry* ‘farinha’, contém um total de 41 merônimos, sendo que 24 deles se referem à relação atividade/traço, enquanto que 13 denotam a relação material/objeto, 3 dizem respeito à relação massa/porção e 1 se refere à relação coleção/membro. Quanto à natureza morfossintática, 24 dos merônimos são de natureza verbal, 4 são codificados por nomes inalienáveis e 13 por nomes alienáveis. Este foi o único texto em que os merônimos de natureza nominal alienáveis se encontraram mais recorrentes do que aqueles inalienáveis. Os Gráficos 7 e 8, abaixo, ilustram, respectivamente, a natureza semântica e morfossintática dos merônimos do texto *Katarukyry*.

Gráfico 6. Natureza semântica dos merônimos do texto *Katarukyry*

Fonte: Elaboração própria

Gráfico 7. Natureza morfossintática dos merônimos encontrados no texto *Katarukyry*

Fonte: Elaboração própria

Em suma, para sistematizar os dados colhidos dos textos narrativos e procedurais analisados, adaptamos um modelo de quadro proposto por Freitas e Ribeiro (2021).

Quadro 5. Quantidades de merônimos dos textos analisados, por sua natureza semântica e morfossintática

Natureza morfossintática	Merônimos nominais		Merônimos verbais
	Alienáveis	Inalienáveis	
Objeto integral/ Componente	3	10	0
Coleção/ Membro	2	15	0
Massa/ Porção	1	2	0
Material/ Objeto	16	1	0
Atividade/ Traço	0	0	72
Lugar/ Área	0	1	0
TOTAL	22	29	72
	51		

Fonte: Elaboração própria, com base em Freitas e Ribeiro (2021)

Observando o Quadro 5, em se tratando da natureza semântica dos merônimos encontrados nos quatro textos analisados, verificamos a predominância daqueles que indicam a relação atividade/traço, com 72 ocorrências, de um total de 123, corroborando nossa hipótese inicial de que tal subtipo semântico seria o mais frequente nos textos narrativos e procedurais utilizados nesta pesquisa. Possivelmente, isso ocorre por conta da própria natureza de textos narrativos e procedurais que, intrinsecamente, constituem-se por eventos e seus desdobramentos; no primeiro caso, pela narração de eventos e seus subeventos associados, no segundo caso, pela explicação dos subeventos que constituem a realização de um evento maior.

Quanto aos outros subtipos semânticos de merônimos encontrados nos textos, 17 expressam a relação coleção/membro, outros 17 se referem à relação material/objeto, 13 à relação objeto integral/componente, 3 designam a relação massa/porção, e apenas 1 expressa a relação lugar/área.

Do ponto de vista morfossintático, uma vez que todos os merônimos designando a relação atividade/traço são de natureza verbal, os merônimos verbais são os mais frequentes nos textos analisados, 72, de um total de 123.

Entre os 51 merônimos nominais, 29 são inalienáveis e 22 alienáveis. É interessante chamar atenção para o fato de que, em três dos quatro textos, a ocorrência de merônimos inalienáveis é maior que a de alienáveis (Texto 1: 10 para 1; Texto 2: 10 para 5; Texto 3: 5 para 3), exceto no quarto texto, especificamente, o texto procedural que trata da produção de farinha, em que numerosos subprodutos da mandioca e de outros vegetais são mencionados (vide Quadro 4), os quais são codificados quase todos por nomes alienáveis, exceto 1, *putxuwamata* ‘beiju achatado’, o qual corresponde a um nome composto que incorpora o nome inalienável *-mata* ‘pele’. Tal especificidade do texto procedural *Katarukyry* explicaria essa maior incidência de nomes alienáveis nesse texto em especial. Assim, os dados encontrados nos textos analisados também corroboram a análise de que a maioria dos merônimos de natureza nominal em apurinã vem codificada sob a forma de nomes inalienáveis.

6. Conclusão

Neste trabalho, fizemos um estudo sobre a meronímia enquanto fenômeno semântico e seus subtipos, além de abordarmos sua relação com o conceito de posse, alienabilidade e inalienabilidade, tópicos importantes para compreendermos como a meronímia ocorre na língua apurinã (Aruák), nosso foco de pesquisa.

Apresentamos a sistematização e a quantificação dos subtipos semânticos de merônimos e suas naturezas morfossintáticas e podemos afirmar que nossa hipótese inicial foi confirmada, pois os textos narrativos e procedurais analisados, por serem perpassados por subeventos que se referem a um evento maior, demonstram um ambiente propenso à ocorrência de merônimos de natureza verbal que compõem a relação atividade/traço. Esse tipo de investigação busca auxiliar os estudos que envolvem merônimos de natureza verbal, já que, no levantamento bibliográfico realizado, pouco se encontrou acerca desse assunto. Adicionalmente, em pesquisas futuras, pretende-se explorar sistematicamente a natureza morfossintática desses merônimos verbais, no intuito de verificar possíveis correlatos morfossintáticos envolvendo certos pares de merônimos/holônimos, um passo adiante na investigação apresentada neste artigo.

Ademais, a presente pesquisa também busca contribuir tanto com a descrição da língua apurinã quanto, por exemplo, com a elaboração de materiais didáticos, como cartilhas temáticas e glossários, que podem ser utilizados por professores apurinã, como uma forma de retribuir ao povo, de maneira mais prática, todo o conhecimento compartilhado com aqueles que se dedicam à descrição e documentação dessa língua, que já se encontra em vias de extinção.

Referências

- Cruse, Alan (2000). *Meaning in language: an introduction to semantics and pragmatics*. Oxford University Press.
- Facundes, Sidney da Silva (2000). *The language of the Apurinã people of Brazil (Maipure/Arawak)* (PhD. dissertation) Faculty of the Graduate School of State University of New York at Buffalo. Disponível em <http://www.etnolinguistica.org/tese:facundes-2000>

- Freitas, Marília Fernanda Pereira de (2017). *A posse em apurinã: descrição de construções atributivas e predicativas em comparação com outras línguas Aruák* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Pará. Disponível em <http://www.etnolinguistica.org/tese:freitas-2017>
- Freitas, Marília Fernanda Pereira de; Facundes, Sidney da Silva (2021). Pupÿkary tywy, takarena, ïthu ykynypuku: meronímia e sua contribuição para o conhecimento e ensino da língua apurinã (Aruák). *Entrepalavras* 11, n.10esp (11): 279-304 <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-10esp2073>
- Freitas, Marília Fernanda Pereira de; Ribeiro, Marlene Cavalcante (2021). Meronímia em textos procedurais da língua Apurinã. *Revista de Letras Norte@mentos* 14(37): 41-61. <https://doi.org/10.30681/rln.v14i37.7746>
- Klein, Harriet E. Manelis (2000). Meronymy or part-whole relations in indigenous languages of lowland South America. In Hein van der Voort; Simon van der Kerke (eds.), *Indigenous Languages of Latin America* 1, pp. 83-98. Research School of Asian, African, and Amerindian Studies (CNWS). Disponível em https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/illa:vol1n7/illa_vol1n7_klein.pdf
- Payne, David (1991). A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. In Desmond Derbyshire and Geoffrey K. Pullum (eds.), *Handbook of Amazonian languages*, vol. 3, pp. 355-499. Mouton de Gruyter.
- Stassen, Leon (2009). *Predicative possession*. Oxford University Press.
- Wiersbicka, Anna (1991). *Semantics: Primes and universals*. Oxford University Press.
- Winston, Morton E.; Chaffin, Roger; Herrmann, Douglas (1987). A taxonomy of part-whole relations. *Cognitive Science* 11(4): 417-444. https://doi.org/10.1207/s15516709cog1104_2

CRediT – Taxonomia de funções de colaboração acadêmica

Agradecimentos

Agradecemos ao povo Apurinã, pelo conhecimento e sabedoria compartilhados. Também agradecemos aos pareceristas do artigo, por suas valiosas contribuições.

Declaração de conflito de interesse

As autoras declaram não ter interesses comerciais ou associativos que interfiram na publicação deste texto, estando sujeitas ao regulamento da Revista LIAMES – Línguas Indígenas Americanas.

Contribuição das autoras

O trabalho foi realizado em conjunto pelas autoras, de modo que ambas participaram ativamente do processo de seleção, tratamento e análise dos dados da pesquisa, revisão bibliográfica, bem como da escritura, produção final e revisão do artigo.

Ética em pesquisa com seres humanos

Os dados utilizados foram obtidos de fontes já publicadas e acessíveis ao público geral.

Financiamento da pesquisa

Izabelly Bentes obteve bolsa de pesquisa da Universidade Federal do Pará, Brasil.

Recebido: 10/1/2024

Versão revista (1): 25/4/2024

Versão revista (2): 9/5/2024

Aceito: 13/5/2024

Publicado: 14/5/2024